

## **Uma nota sobre capitalistas rentistas, formas de lucro e coalizões de classe**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

EESP/FGV, São Paulo, 6.8.12

Podemos sempre pensar as transformações das sociedades modernas como associadas à luta entre as classes sociais, ou então como a luta entre coalizões de classe e a formação de pactos políticos. As duas formas de abordagem são indispensáveis: a primeira, no quadro da sociedade civil, para pensar a democratização e a diminuição das desigualdades; a segunda, no quadro da nação, para pensar o desenvolvimento econômico. Para compreender o desenvolvimento do Brasil e a luta entre desenvolvimentistas e liberais econômicos eu sempre usei o conceito de coalizões de classe; recentemente, usei-o para analisar o fordismo seguido pelos anos neoliberais do capitalismo, e entender a crise financeira global de 2008 no artigo “A crise financeira global e depois. Um novo capitalismo?”<sup>1</sup>. Enquanto o fordismo, nos Estados Unidos e nos países mais desenvolvidos da Europa, foi um pacto político amplo, envolvendo empresários, trabalhadores e as classes médias tecnoburocráticas, o período neoliberal foi definido por uma coalizão de classes muito estreita, formada por capitalistas rentistas e pelos financistas que administram a riqueza dos primeiros. Defini, então, os rentistas como os capitalistas que recebem juros, aluguéis e dividendos, opondo-os aos capitalistas empresários. Entretanto, estava claro para mim que essa definição era imprecisa, e, por isso, decidi agora escrever esta nota para definir melhor os capitalistas rentistas. Para isto foi-me necessário definir também com mais clareza as diversas formas de lucro segundo suas origens, porque elas são essenciais para distinguir o capitalista rentista do capitalista empresário. Enquanto os primeiros recebem os lucros

---

<sup>1</sup> Luiz Carlos Bresser-Pereira (2010) “A crise financeira global e depois. Um novo capitalismo?”, *Novos Estudos Cebrap* 86: 51-72.

normais, os lucros das rendas diferenciais ou ricardianas, os lucros do monopólio, os lucros da financeirização, os lucros da fraude, os juros e os aluguéis, os empresários realizam os lucros da inovação e da excelente gestão. Foi necessário, também, considerar a terceira classe que caracteriza as sociedades modernas: a classe profissional ou tecnoburocrática. Dentro dessa classe, como veremos adiante, seu estrato mais alto, o dos altos executivos e dos financistas, recebem, como os empresários, uma parte dos lucros que seria dos rentistas.

### **Formas de lucro**

O lucro é a remuneração do capital investido na produção por capitalistas ativos ou empresários; o juro é a parte do lucro que os empresários pagam aos capitalistas inativos pelo empréstimo de seu capital. Renda diferencial da terra ou renda ricardiana, por sua vez, é a renda que os proprietários das terras mais produtivas recebem. Para Ricardo esses proprietários não eram capitalistas mas aristocratas, mas há muito a terra também se transformou em mercadoria, de forma que os proprietários de terra são também capitalistas. Logo, a primeira forma de lucro, é o “lucro diferencial”, é o lucro que se confunde com a renda diferencial ricardiana.

A segunda forma, é a do “lucro normal”. Na teoria econômica clássica assume-se que o mercado assegura às empresas uma taxa de lucro “normal” que é igual à taxa de juros. Logo, não haveria qualquer diferença de remuneração entre o capitalista ativo ou empresário que faz o investimento, organiza a produção e realiza o lucro, e o capitalista inativo ou rentista que empresta seu capital a juros para o empresário. Se pensarmos em termos de novos investimentos, essa tese não faz sentido, porque há mais risco, mais esforço e mais contribuição para a sociedade na atividade empresarial do que na rentista. Entretanto, se pensarmos no estoque de capital existente, do capital que foi investido anteriormente, é razoável essa igualdade, e é razoável, portanto, o conceito de lucro normal. O lucro normal é a forma básica de lucro, em uma sociedade capitalista. É o lucro do capital velho. É o lucro que o capitalista rentista apropria.

A terceira forma de lucro é o “lucro satisfatório” ou o “lucro empresarial”. O nível satisfatório da taxa de lucro não é a do “lucro normal” dos neoclássicos, nem é a do lucro monopolista pelo qual lutam todas as empresas, ou o lucro da fraude pelo qual um número muito grande de empresas luta, mas é o lucro da inovação e da excelente gestão. É a taxa de lucro que, em condições de razoável concorrência no mercado, motivam os empresários a investir e a sociedade entende ser uma taxa não apenas razoável, mas *desejável*.

Entretanto, se o empresário introduzir uma inovação, se desenvolver um novo e mais eficiente método de produção, se criar um novo produto, ele conseguirá uma vantagem monopolística legítima, e o lucro resultante que exceder, em termos de taxa, o lucro empresarial, será o “lucro de inovação”.

Somam-se a essas duas outras formas de lucro: o “lucro de monopólio” e o “lucro empresarial”. Schumpeter, usando um conceito muito amplo de inovação, juntou os dois lucros em um só, porque a inovação resulta, por definição, em vantagem monopolista. Mas não me parece razoável colocar na mesma categoria o lucro que resulta de um monopólio legal ou de um cartel ou de uma marca, que proponho chamar “lucro de monopólio”, do lucro que deriva de uma inovação tecnológica de processo ou da descoberta de um novo produto ou da abertura de um novo mercado: o “lucro empresarial”, aquele que se origina da inovação e de excelente gestão. Incluo a excelente gestão porque ela faz uma diferença nos lucros das empresas.

Além dessas quatro formas, temos duas mais que sempre existiram, mas se tornaram relevantes nos nossos dias: o “lucro da financeirização” e o “lucro de fraude”. A financeirização está associada à especulação financeira, mas se tornou um fenômeno generalizado nos 30 anos neoliberais do capitalismo. É o mecanismo que, através de “inovações financeiras”, permitiu que profissionais financistas triplicassem os ganhos dos capitalistas rentistas. É um tipo de lucro próximo àquele que deriva exclusivamente da fraude, mas enquanto a fraude é tão antiga quanto o capitalismo, a financeirização, enquanto prática historicamente definida, faz parte integrante dos anos neoliberais do capitalismo.

Somando-se a essas seis formas de lucro de acordo com suas origens, temos os juros e os aluguéis, que, em uma economia competitiva, tendem a ser iguais ao lucro normal. O ganho acima desse valor pode ser lucro de monopólio, no caso de aluguéis, ou é lucro de financeirização, no caso de ganhos com títulos financeiros.

Existe ainda uma nona forma de ganho (e perda) capitalista que são os ganhos de capital, sejam os derivados dos movimentos dos preços dos ativos, os ganhos cíclicos que os caracterizam, os ganhos excepcionais, ou *windfall gains*.

Definidas estas nove formas de ganho ou de lucro lato sensu, podemos, agora, definir os dois tipos de capitalistas, a partir do fato de ser ativo ou inativo, e das formas respectivas de rendimento. O que caracteriza o rentista é ter um rendimento sem trabalhar; é ser inativo. Logo, podemos defini-lo como o capitalista inativo que obtém seus ganhos do lucro normal, do lucro de renda diferencial, dos juros, dos aluguéis, do lucro de monopólio, do lucro de financeirização, do lucro da fraude, e dos ganhos de capital. Já o capitalista empresário é aquele que, além de obter lucro através de todas as formas próprias dos capitalistas rentistas, realiza uma forma de lucro que é específica dele: o lucro empresarial – aquele que deriva da inovação e da excelente administração de sua empresa. Na definição de Schumpeter o empresário pode não ser, originalmente, capitalista; ser apenas o agente que logrou crédito e mostrou capacidade de inovar. Ele geralmente começa como um pequeno capitalista, e, bem sucedido, termina como um grande capitalista, que realiza todas as formas de lucro.

Não existem informações que permitam distinguir essas formas de lucro. É mais fácil distinguir conceitualmente o empresário do rentista, mas o empresário também recebe rendimentos típicos dos rentistas na medida em que ele é dono de capital. Nas pequenas e médias empresas o lucro é em princípio dos empresários; já nas grandes empresas, está dividido entre empresários e rentistas. Para simplificar – sabendo não estar sendo preciso – eu costumo definir capitalista rentista como aquele cujo rendimento principal é constituído de juros, aluguéis e dividendos. Nos dividendos estão também os lucros empresariais, mas no geral correspondem ao lucro normal.

Nas grandes empresas os resultados têm um terceiro recipiente, além dos capitalistas rentistas e dos empresários: os altos profissionais ou a alta tecnoburocracia. Não existe apenas uma classe dominante nas sociedades modernas: além da classe capitalista ou burguesia, existe a classe profissional ou tecnoburocracia. Enquanto a classe capitalista detém o capital, a classe tecnoburocrática possui o conhecimento técnico e organizacional; enquanto a relação de produção relevante para a classe capitalista é o capital, para a tecnoburocrática, é a organização, entendida esta como a propriedade coletiva dos meios de produção; enquanto a lógica da classe capitalista é a do lucro e a do mercado, a lógica da classe profissional é a administração e o plano. As sociedades modernas combinam essas duas a uma terceira – a lógica da democracia – que é a lógica da classe trabalhadora, da grande massa de operários e empregados.

Neste quadro, a remuneração da grande maioria dos membros da classe profissional – os ordenados (*salaries*) – segue a mesma regra dos salários (*wages*) da classe trabalhadora: corresponde ao custo socialmente aceito da reprodução da força de trabalho. Os mais educados recebem salários mais altos porque o custo de formar um profissional é maior do que o custo de formar um trabalhador. Mas, no caso da alta tecnoburocracia, do estrato mais alto da classe profissional que, na prática, dirige um número cada vez maior de organizações empresariais, a regra para a determinação dos seus rendimentos é outra. Os altos executivos que dirigem as grandes empresas e os financistas que administram o capital dos capitalistas rentistas recebem uma parte substancial tanto dos lucros de monopólio, dos lucros de fraude e dos lucros de financeirização, quanto dos lucros da inovação e boa administração, sob a forma de altos salários, bônus e opções de compra de ações. Os conflitos entre acionistas e altos executivos derivam da apropriação de uma boa parte dos lucros típicos dos rentistas.

O excedente econômico ou lucro lato senso de um país é o valor da renda nacional que excede o custo de reprodução socialmente acordado da sua força de trabalho. Nas sociedades modernas esse excedente se reparte entre os dois tipos de capitalistas (rentistas e empresários) e o estrato mais alto da classe

profissional formada por financistas e altos executivos. Enquanto os capitalistas rentistas e os financistas estão essencialmente interessados em juros altos, que decorrerão de uma política monetária que defina juros nominais elevados e que limite a inflação, os capitalistas empresários e os altos executivos estão interessados em uma taxa de juros baixa, e lucros empresariais elevados. Os rendimentos dos dois grupos dependem da política do governo: enquanto o primeiro demanda uma política econômica liberal-ortodoxa ou monetarista, o segundo pede uma política econômica keynesiana e desenvolvimentista. Nas democracias, a coalizão dominante é aquela que conquista o centro político e logra tornar hegemônicas suas ideias em relação à classe trabalhadora. Os partidos de esquerda estão mais próximos de uma coalizão socialdemocrática e desenvolvimentista, enquanto os de direita, de uma coalizão liberal, mas isto não significa que a alternância de poder entre esses dois tipos de partido implique mudança de coalizão, porque os partidos e os governos, sem se despersonalizar inteiramente, acabam por se ajustar às ideias hegemônicas e, portanto, a se subordinar à coalizão de classes dominantes. As mudanças de coalizão só acontecem em momentos de grande crise, como a que estamos vivendo desde 2008.